

A ANTIGA IGREJA DE PILÃO ARCADO NA BAHIA E A SUA PERSISTÊNCIA NA PAISAGEMAlessandra Rocha da Silva¹Gisele Daltrini Felice²Shilton Paes Ribeiro Alves³**RESUMO**

Este artigo faz parte da pesquisa em curso de Alessandra Rocha da Silva, mestranda do Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco. O tema abordado é a realocação da cidade de Pilão Arcado, causada pela construção da barragem da hidrelétrica de Sobradinho e a conseqüente ruína da antiga igreja de Santo Antônio, considerada nesta pesquisa como artefato arqueológico, portanto, imbuída de significados, de histórias e de memórias. Verificar a relação deste artefato com a paisagem e com seus elementos formadores, incluindo as pessoas, é o objetivo do estudo que está sendo realizado e que utiliza a arqueologia etnográfica, a história e a memória como ferramentas para acessar os significados da ruína.

Palavras-Chave: Ruína; antiga igreja; artefato arqueológico; significados

ABSTRACT

Abstract: This article is part of the ongoing research of Alessandra Rocha da Silva, a master's student in the Postgraduate Program in Archeology and Heritage Preservation at the Federal University of Vale do São Francisco. The topic addressed is the relocation of the city of Pilão Arcado, caused by the construction of the Sobradinho hydroelectric dam and the consequent ruin of the ancient church of Santo Antônio, considered in this research as an archaeological artifact, therefore,

1 Mestranda em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. alessandraarqueo@gmail.com

2 Docente do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. gisele.dfelice@univasf.edu.br

3 Mestrando em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. shiltonpaes@gmail.com

imbued with meanings, stories and memories. Verifying the relationship of this artifact with the landscape and its formative elements, including people, is the objective of the study that is being carried out and that uses ethnographic archeology, history and memory as tools to access the meanings of the ruin.

keywords: Ruin; old church; archaeological artifact; Meanings

INTRODUÇÃO

Apresentar alguns dos elementos norteadores do estudo sobre a antiga igreja de Pilão Arcade (Figuras 1 e 2), que está sendo realizado pela mestranda Alessandra Rocha da Silva, descrevendo de forma breve o contexto histórico sobre a cidade de Pilão Arcade e as noções conceituais que estruturam a pesquisa, são o objetivo deste artigo.

FIGURA 1: VISTA FRONTAL DA RUÍNA DA ANTIGA IGREJA SANTO ANTÔNIO NA “VELHA” CIDADE DE PILÃO ARCADE



FONTE: ALESSANDRA R. LIMA

FIGURA 2: VISTA LATERAL DA RUÍNA DA ANTIGA IGREJA SANTO ANTÔNIO NA “VELHA” CIDADE DE PILÃO ARCADO



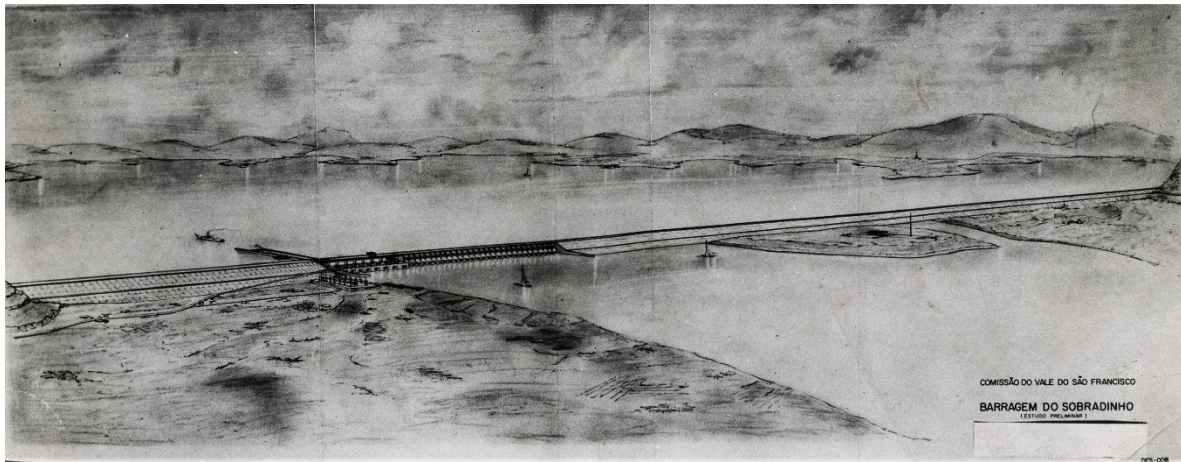
FONTE: ALESSANDRA R. LIMA

O nordeste do Brasil, em especial as regiões do semiárido nordestino, é conhecido pelas dificuldades relacionadas ao abastecimento de água, tanto potável para consumo humano, quanto destinada ao trato com os animais e lavoura. Neste cenário o rio São Francisco, na sua porção de médio e baixo curso, caracteriza-se como um dos principais elementos da paisagem que viabiliza em parte os assentamentos humanos desde a pré-história até os dias atuais.

O São Francisco não apenas abastece de água um enorme número de cidades e localidades, mas também, há mais de meio século viabiliza parte do fornecimento de energia elétrica para a região nordeste.

A concepção do projeto da barragem do Sobradinho surge por volta da década de 1961 (Figura 3) e, a sua implantação gerou grandes mudanças sociais e ambientais para as pessoas e para os espaços diretamente afetados pelos projetos de engenharia e produção de energia no Brasil.

FIGURA 3: ANTIGO DESENHO DA PROPOSTA DA BARRAGEM DE SOBRADINHO



FONTE: CORREIO DA MANHÃ_AN_277.JPG ESTUDO PRELIMINAR DA BARRAGEM DE SOBRADINHO, EM 23 DE ABRIL DE 1961

As discussões e reflexões sobre as consequências destes projetos surgem somente mais de duas décadas depois de suas implantações e, como já se é esperado, o processo de retirada das comunidades tradicionais das áreas de interesse do estado é sempre custoso para as populações locais. Raramente a desterritorialização das comunidades é compensada de forma justa e coerente, garantindo uma real melhoria da qualidade de vida para as pessoas afetadas por grandes empreendimentos.

Os conflitos e os impactos do desenraizamento causados pelas construções de barragens, especificamente a de Sobradinho, são objeto de estudo de Daou (2010) e de Sigaud (1986 apud Daou 2010), as autoras fazem importantes análises sobre o contexto social e político e as consequências das grandes obras de produção de energia.

Quando foi implantado o Reservatório da Barragem de Sobradinho em 1970, aproximadamente 72 mil pessoas foram retiradas das margens do Rio São Francisco e realocadas em novas cidades e povoados próximos ao então criado Lago artificial de Sobradinho. Pilão Arcadeo, na Bahia, foi uma destas cidades que teve seus espaços mudados, ou melhor, inundados (SILVA 2016).

Passados 45 anos de transformações na paisagem e de transformações nos elementos que a compõem, é possível verificar os reflexos ambientais, sociais e culturais causados pela implantação da barragem.

A nova Pilão Arcadeo dista 24 km de Pilão Arcadeo Velho, sendo que a cidade antiga não chegou a inundar completamente, como as demais cidades de Remanso, Casa Nova e Sento Sé no Norte da Bahia. Apenas cheias esporádicas, que levaram ao aumento do nível do lago, atingiram e atingem as ruínas da antiga igreja na área de estudo da pesquisa.

Concluída no final de 1977, a barragem foi inaugurada em maio de 1978 e o reservatório teve seu enchimento concluído no final do primeiro semestre do ano de 78, passando imediatamente a integrar o sistema energético da CHESF. Com uma área de 4.214 quilômetros quadrados e acumulando 34 bilhões de

metros cúbicos de água, o reservatório forma um dos maiores lagos artificiais do mundo (Sigaud, 1986, apud, SILVA 2016).

No que diz respeito à história de Pilão Arcado, Lima (2005) remete uma origem aos fins do século XVII, por ordem do vice-rei D. João de Lencastre, com a finalidade de acabar com os constantes ataques dos índios às fazendas de gado da região. O município, então em terras da Província de Pernambuco, foi criado em 1810, com a denominação de Vila do Pilão Arcado. Em 1824, devido às revoltas separatistas dos pernambucanos contra o Império, passou a integrar a Província de Minas Gerais. Em 1827, juntamente com todo o “Além São Francisco”, passou à administração da província da Bahia. Em 1857 foi extinto como município, integrando então o território de Vila de Nossa Senhora do Remanso de Pilão Arcado, tendo, em 1890, sido desmembrada de Remanso.

FIGURA 4: ANTIGA IGREJA DE SANTO ANTÔNIO EM PILÃO ARCADO



FONTE: [HTTPS://RADIOTROPICALFM4.MINHAWEBRADIO.NET/EVENTO/200810/PILAO
ARCADO-BAHIA-A-HISTORIA-DE-UM-POVO](https://radiotropicalfm4.minhawebradio.net/evento/200810/pilao-arcado-bahia-a-historia-de-um-povo)

FIGURA 5: ANTIGA CIDADE DE PILÃO ARCADE- RUA DO MEIO VELHA PILÃO ARCADE



Rua do Meio Velha Pilão Arcade

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/PILAOARCADESUAHISTORIA](https://www.facebook.com/pilaoarcadoesuaistoria)
[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/PHOTO/?FBID=133226717394363&SET=A.130547674328934](https://www.facebook.com/photo/?fbid=133226717394363&set=a.130547674328934)

Lima (2005), escreve ainda que a região de Pilão Arcade foi habitada pelos índios Mocoá e Acoroá e que os primeiros colonizadores europeus foram portugueses das famílias Guerreiro e Bernardo. Em 1771, elevou-se a freguesia de Santo Antônio do Pilão Arcade em cuja sede se construiu uma capela e, em 1873, foi construída a Igreja, pelo então Frei Henrique, da cidade de Coimbra. O topônimo liga-se à tradição oral de que, à margem do Rio São Francisco, alguns pescadores teriam encontrado um pilão que utilizavam para triturar o sal com que salgavam os peixes. Simplificou-se a denominação em 1810 da freguesia para Pilão Arcade (Figuras 4 e 5)

A CONCILIAÇÃO ENTRE A ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA PARA ACESSAR AS PESSOAS E AS SUAS HISTÓRIAS

Considerando que o objetivo da pesquisa é o de verificar os significados atribuídos a ruína da antiga igreja da “velha cidade” de Pilão Arcade, utilizou-se da etnoarqueologia e da história como elementos estruturantes para buscar os dados sobre como a história da igreja que foi e é vivida pelas pessoas que



a conheceram antes da relocação da cidade e pelas pessoas que a conhecem agora como ruína, após a formação do lago artificial.

Um dos pontos da arqueologia que compreende os padrões culturais de comportamento pretérito é a etnoarqueologia, que a partir de observações vem contribuindo e gerando dados etnográficos e etno-históricos, por meio da inter-relação com os dados arqueológicos. A etnoarqueologia estuda as sociedades atuais e a sua interação com o mundo material, com interpretações sobre o contexto arqueológico.

Para Ruibal (2009, p. 16), a etnografia pode ser entendida como a compreensão do ponto de vista do outro, o envolvimento com a vida. Sendo que a etnografia leva à reflexão sobre as situações que conhecemos ou vivemos, ou vice e versa. A etnoarqueologia pode ser entendida ainda, como uma subdisciplina à serviço da arqueologia.

A etnoarqueologia de certa forma entende as populações do presente e sua relação com a natureza. Desde o fim do século XV, com a descoberta do Novo Mundo e o encontro com a diversidade de outras populações, o uso do dado etnográfico já apresentava importância nas interpretações dos vestígios arqueológicos, ou seja, antes mesmo da arqueologia existir como disciplina científica. (CHARLTON, 1981, apud Silva, 2009, p.122).

Esta perspectiva ultrapassa as fronteiras entre materialidade e imaterialidade, alcançando entendimentos e provocando diálogos a partir dos conhecimentos tradicionais (Bezerra, 2013; Cabral, 2016; Castañeda, 2008).

A abordagem etnoarqueológica nesta pesquisa, busca conciliar o estudo do comportamento humano, as percepções e as memórias de pessoas e o significado atribuído a cultura material representada pela ruína da igreja.

A etnoarqueologia de certa forma, entende as populações do presente e sua relação com a natureza e com o passado.

Desde o fim do século XV, com a descoberta do Novo Mundo e o encontro com a diversidade de outras populações, o uso do dado etnográfico já apresentava importância nas interpretações dos vestígios arqueológicos, ou seja, antes mesmo da arqueologia existir como disciplina científica. (CHARLTON, 1981, apud Silva, 2009, p.122).

Inicialmente, a observação de diferentes povos e da sua cultura material estimulou a investigação dos contextos arqueológicos europeus, tomando por referência os contextos etnográficos americanos. O uso do dado etnográfico sob uma analogia geral e direta permitiu interpretar o modo de vida das antigas populações (pré-históricas) europeias como similares às populações do Novo Mundo (TRIGGER, 1992).

Portanto, a Etnografia Arqueológica, pode ser vista como um espaço transcultural, podendo ser avaliada, sentida através das conversas e intervenções, interagindo pesquisadores e pessoas diversas. David e Karamer (2002, p.15) consideram no artigo Teorizando a Etnoarqueologia e a Analogia, a Etnoarqueologia



como sendo uma das menos conhecidas subdisciplinas da antropologia, sendo desenvolvida com o estudo da cultura material etnográfica, a partir de perspectivas arqueológicas. Os autores mencionados relatam que os etnoarqueólogos, na maioria das vezes, não se manifestam a respeito de sua perspectiva filosófica.

A arqueologia etnográfica busca, de certa forma, dialogar como uma prática de sentido, onde interessam os significados do passado na vida contemporânea, estando em uma perspectiva que ultrapassa as fronteiras entre materialidade e imaterialidade. A arqueologia e a etnografia permitem ainda o diálogo com as formações culturais, como a tradição de descrever e interpretar, descobrindo o significado das coisas, sendo desta forma, usadas em contextos socioculturais, dando sentido e, estabelecendo a compreensão do sistema de objetos com a vida do dia a dia da cultura, estudando de certa forma os modelos, estilos de vida, de formação social e de identidade.

Verificar e entender o significado da ruína da Igreja de Santo Antônio na antiga Pilão Arcade, requer utilizar o enfoque da etnoarqueologia como forma de estruturar o acesso àquelas pessoas que podem relatar os significados da ruína nos diferentes tempos, estes relatos permitem documentar as histórias e estórias a serem contadas, onde a busca das narrativas compreende o incrível universo da memória.

HISTÓRIA E MEMÓRIA COMO FERRAMENTAS PARA ACESSAR OS SIGNIFICADOS DA CULTURA MATERIAL

Considerando a ruína da antiga igreja de Pilão Arcade como artefato arqueológico, este artefato conseqüentemente faz parte da cultura material encontrada no local onde persiste a ruína, definindo o espaço como sítio arqueológico histórico.

A cronologia deste tipo de sítio, que data de 1873, abarca os tempos estudados pela arqueologia histórica, e portanto, informações e dados podem ser buscados em documentos e podem ainda ser encontrados na memória das pessoas que viveram a história ou escutaram as histórias contadas pelas pessoas mais velhas da família e ou da comunidade.

Desta forma a história e a memória alicerçam a pesquisa sobre os significados da antiga igreja de Pilão Arcade.

De acordo com Jacques Le Goff (1924, p. 16, apud Ricouer 1961, p.226),

“A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta. A história é na verdade o reino do inexato. Esta descoberta não é inútil; justifica o historiador. Justifica todas as suas incertezas. O método histórico só pode ser um método inexato... A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tomar as



coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lônjura histórica. Finalmente, esta reflexão procura justificar todas as aporias do ofício de historiador, as que Marc Bloch tinha assinalado na sua apologia da história e do ofício de historiador. Estas dificuldades não são vícios do método, são equívocos bem fundamentados”

O ato de rememorar estabelece um relacionamento entre as pessoas, e permite verificar narrativas em comum, cada qual com sua versão dos fatos. A memória armazena informações, visto que, as pessoas reinterpretam ou esquecem os fatos, pois a memória é vida carregada de emoções e sentimentos. Tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história. “A relação tencionada acontece, por exemplo, quando se recompõem lembranças, ou se realizam pesquisas sobre guerras, vida cotidiana, movimentos étnicos, atividades culturais, conflitos ideológicos, embates políticos, lutas pelo poder”. Sem qualquer poder de alteração do que passou, o tempo, entretanto, atua modificando ou reafirmando o significado do passado (DELGADO, 2003, p.10).

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar integra-se com tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade e oposições irreduzíveis. (POLLAK,1986, p. 30, apud SILVA, 2016, p. 55).

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. O espaço é uma realidade que dura. As impressões sucedem-se, uma à outra. Nada permanece no espírito e não seria possível compreender que se pudesse recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que cerca as pessoas (SILVA, 2016, p. 56).

Conforme escreve Jacques Le Goff (p. 18, 1924), Marc Bloch não gostava da definição «A história é a ciência do passado» e considerava absurda «a própria ideia de que o passado, enquanto-tal, possa ser objeto da ciência» [1941-42, pp. 32-331. Ele propunha que se definisse a história como «a ciência dos homens no tempo».

Logo para Jacques Le Goff (p. 20, 1924), a história é a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objeto da história, por uma reconstrução incessantemente, com interação entre passado.

De acordo com Lucien Febvre [1949] “A história recolhe dados sistematicamente, classificando e agrupando os fatos passados, em função das suas necessidades atuais”. É em função da vida que ela interroga a morte. Organizar o passado em função do presente: assim se poderia definir a função social da história’ (1949, p. 438).



A história permite principalmente que os silenciados e excluídos da história, tenham voz, fornecendo as informações e as suas impressões sobre cada fato vivenciado, registrando as versões, interpretações e narrativas, sobre os fatos esquecidos, por exemplo. A memória garante uma coesão social que se entende como os laços com o grupo que se mantêm mesmo quando os indivíduos se encontram sozinhos (HALBWACHS 2006, apud LEDOUX 2017, p. 30).

Identidade e memória implicam na interação do eu e a sociedade, pois vivemos em um meio onde cada um possui a sua crença, religião, opinião e história. A memória nos faz recordar, nos remete a lembranças no tempo e no espaço, carregadas de significados e fases. O ato de contar é como se fosse uma herança ou tradição passada de pai para filho, narrativas indenitárias, transmitidas de geração para geração, relembrando histórias, e trazendo importância para as memórias esquecidas. Segundo, Le Goff (1924) o conceito de memória é crucial e tem sido amplamente utilizado nas ciências humanas (fundamentalmente na história e na antropologia), e se ocupa geralmente mais da memória coletiva que das memórias individuais, é importante descrever sumariamente a nebulosa memória no campo científico global. A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

A memória é como se fosse um gravador ou uma máquina fotográfica, pois cada pessoa tem sua própria percepção e modo de contar os fatos, de acordo com cada tempo, e espaço, por isso às vezes as informações orais são subjetivas. Para Delgado (2003), o tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações.

Desta forma, de acordo com Ledoux (2017)

O arqueólogo ao inserir a memória na sua pesquisa pode contribuir para sociedade como mediador de construção de interpretações acerca de um fato do passado, considerando, que mesmo com as variáveis, tais construções são representações de uma memória coletiva sólida (porém dinâmica) que está intimamente relacionada com a identidade de um grupo (LEDOUX, 2017, p. 32).

O cenário anteriormente descrito de forma breve, respalda e justifica a escolha da história e da memória como os principais caminhos para acessar os significados atribuídos à ruína da antiga igreja de Pilão Arcade.

O estado de ruína, por si só, remete ao contexto do passado, somado ao fato de ser uma igreja, remete ao lugar sagrado, onde o destaque e a sobrevivência da ruína na margem do atual lago de Sobradinho, perpetuam esta construção no tempo e no espaço, tornado a igreja um elemento persistente na paisagem. Tal persistência permite que as pessoas em diferentes tempos, estabeleçam distintas relações com a antiga igreja e, portanto, atribuam significados a este elemento formador da paisagem.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inundação da antiga cidade de Pilão Arcado, causada pela formação do lago artificial de Sobradinho, poucas vezes atingiu a igreja de Santo Antônio, desta forma a igreja e sua área de entorno **não** ficaram submersas pelas águas da barragem. Portanto, embora a cidade tenha sido realocada, um significativo elemento da paisagem persiste e se destaca no ambiente, permitindo não apenas que a história da igreja e as suas relações com os moradores da antiga Pilão Arcado sejam guardadas na memória, mas que também novas memórias e sentimentos sejam atribuídos a ruína.

Esta dinâmica de existência da igreja/ruína configura várias possibilidades de significados a serem atribuídos a este artefato arqueológico ao longo do tempo, onde a história e a memória sustentam a pesquisa que busca conhecer os significados e as ressignificações dos lugares.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marcia. OS SENTIDOS CONTEMPORÂNEOS DAS COISAS DO PASSADO: REFLEXÕES A PARTIR DA AMAZÔNIA. Revista de Arqueologia Pública. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP. 2013.

Bloch, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2002.

CABRAL, Mariana Petry. No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta. Tese (Doutorado em Antropologia, Área de Concentração em Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

CASTAÑEDA, Quetzil. E. The 'Ethnographic Turn' in archaeology. Research positioning and reflexivity in ethnographic archaeologies. In: CASTAÑEDA, Quetzil E.; MATTHEWS, Christopher N. (eds.) *Ethnographic Archaeologies: Reflections on Stakeholders and Archaeological Practices*. Altamira Press, p. 25-61, 2008.

CHARLTON, T. H. Archaeology, ethnohistory and ethnology interpretative interfaces. In: SCHIFFER, M. B. (Ed.). *Advances in archaeology method and theory*. New York: Academic Press, 1981. p. 129-173. v. 4.

DAOU, A. M. Notas comprometidas sobre a discussão dos efeitos sociais de grandes projetos hidrelétricos, antropologia e a atualidade da temática. Revista De Antropologia Social dos Alunos do PPGAS, UFSCar, V.2 n2, jul-dez, p282-298, 2010.

DAVID, Nicholas e KRAMER, Carol. TEORIZANDO A ETNOLOGIA E ANALOGIA. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 13-60, dezembro de 2002.

DELGADO, L.A.N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. HISTÓRIA ORAL, 6, 2003, p. 9-25.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 2006.



LEDOUX, Nina Rosa Pereira. Arquiteturas Sufragadas E Memórias Construídas: Uma arqueologia da memória da Remanso submersa- BA. Dissertação (Mestrado em Arqueologia e Interfaces Disciplinares) pela Universidade Federal de Sergipe, Pós-Graduação em Arqueologia, 2017.

Le Goff, Jacques, 1924. História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Guarabira Queiroz. **Pilão Arcado um marco no Rio São Francisco**, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, Silêncio e Esquecimento. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. 1986

RUIBAL, A.G. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. In: J. Salazar; I. Domingos; J.M. Azkárraga; H. Bonet (Coords). Mundos Tribales. 2009, p.76-27 Jacques Le Goff (1924, p. 16, apud

SILVA, Alessandra Rocha da. **FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE PILÃO ARCADO - BA** São Raimundo Nonato – PI 2016. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2016 (monografia).

SILVA, Fabíola Andrea. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. Métis: história & cultura, v. 8, n. 16, p. 121–139, 2009.

TRIGGER, Bruce. A History of archaeological thought A History of archaeological thought. A History of archaeological thought Cambridge: Cambridge University Press, 1992. 500 p.